

## SEÇÃO DE ARTIGOS LIVRES

## **O ilê performático da biodiversidade dos Orixás e das labás: os saberes das Africanidades para a sustentabilidade contemporânea**

*The performative ilê of Orixás and labás' biodiversity:  
the knowledge of Africanities for contemporary sustainability*

Elison Oliveira Franco  
elisonarte@gmail.com

**Resumo:** Após estudos e práticas do elemento do figurino, do reaproveitamento de possíveis materiais descartáveis e da história e cultura afro-brasileira, os estudantes de uma escola pública do Distrito Federal montaram uma exposição performática, na qual foram apresentadas, estética e artisticamente, as relações dos Orixás e das labás com a natureza, visando à reflexão sensível quanto ao desenvolvimento sustentável. De forma diversa e plural, revisitaram os saberes tradicionais das Africanidades, intercalando-os com algumas práticas educativas e socioculturais da contemporaneidade. Esta escrita é um relato e uma reflexão sobre o desenvolvimento dessa experiência artístico-pedagógica, entremeada por alguns conceitos e pensamentos hodiernos a respeito das influências da matriz cultural africana para a produção de conhecimento no processo de ensino-aprendizagem na educação básica, em particular, no ensino médio, e com foco na Pedagogia das Artes Cênicas, justamente pela exploração mais aguçada dos elementos estéticos, conforme ocorreu com o figurino.

**Palavras-chaves:** *performance; figurino; metodologia; educação para as relações étnico-raciais; educação ambiental.*

**Abstract:** *After studies and practices of the element of the costume, the reuse of possible disposable materials and afro-Brazilian history and culture, the students of a public school in the Federal District set up a performative exhibition, in which the relations of the Orixás and labás with nature were presented aesthetically and artistically, aiming at sensitive reflection on sustainable development. In a diverse and plural way, they revisited the traditional knowledge of Africanities, interspersing them with some educational and sociocultural practices of contemporary times. This writing is an account and a reflection on the development of this artistic-pedagogical experience, mixed with some concepts and thoughts today about the influences of the African cultural matrix for the production of knowledge in the teaching-learning process in basic education, in particular, in high school and focusing on the Pedagogy of performing arts, precisely by the keener exploration of aesthetic elements, as with the costume.*

**Keywords:** *performance; costumes; methodology; education for ethnic-racial relations; environmental education.*

## Introdução

Ojubá ia lá e via  
Ojubahia  
Xangô manda chamar  
Obatalá guia  
Mamãe Oxum chora lagrimalegria  
Pétalas de lemanjá lansã-Oiá ia  
Ojubá ia lá e via  
Ojubahia  
Obá  
(CAETANO VELOSO, 2011).

188

No dia do IV Seminário Corpo, Cena e Afroepistemologias, no derradeiro ano de 2020, participei, de modo virtual, do *Diálogo 2 – Perspectivas para uma educação Antirracista*<sup>1</sup>, com a explanação do processo artístico-pedagógico que culminou no desenvolvimento estético de uma feira afroindígena em uma escola pública do Distrito Federal (DF). Já nesta escrita, desejo tratar do projeto *A biodiversidade dos Orixás e das Iabás*, que foi um dos pontos que abordei no seminário, a fim de ampliar o debate de experiências criativas, artísticas e pedagógicas sobre a história e a cultura afro-brasileira em sala de aula, tal qual determina a lei 10.649/2003, considerando os conhecimentos atinentes à área da Pedagogia das Artes Cênicas.

No ano de 2019, o 1º Festival de Tecnologia, Inovação e Ciência (FESTIC) das escolas públicas do DF inspirou-se no tema proposto para a *Semana Nacional de Ciências e Tecnologia*, a saber: *Bioeconomia: diversidade e riqueza para o desenvolvimento sustentável*. Isso fez com que os trabalhos desenvolvidos na feira de ciências das escolas do DF focassem nessa temática, o que levou à realização e à escolha do projeto sobre os Orixás e as Iabás, no estabelecimento de ensino onde lecionei como professor do componente curricular Arte, para participar e representar a escola no FESTIC.

Há que se considerar que a relação das sociedades urbanas e contemporâneas com a natureza tem se tornado uma constante, inclusive preocupante, principalmente no que respeito à preservação e manutenção de insumos para a vida humana no planeta. Isso não significa que sociedades indígenas, rurais, ribeirinhas, quilombolas, tradicionais – e outras que possuem mais contato com a natureza – não venham enfrentando mudanças, interferências e constantes conflitos em seus territórios. Sabe-se da incidência de propostas ambientais que buscam promover o desenvolvimento sustentável e o cuidado com os recursos naturais, assim como o

---

<sup>1</sup> Compartilhei dessa conversa com a capoeirista, artista e doutoranda em Artes Cênicas pela UFBA, Arilma Soares. Trata-se de um seminário que conta com a coordenação geral da professora Larissa Ferreira (IFB) e do professor do Departamento de Artes Cênicas Jonas Sales (UnB). Mais informações: <<https://youtu.be/kIZeGSDkE9g>>.

adequado despejo do lixo, com atenção ao seu reaproveitamento e reciclagem<sup>2</sup>. Em poucas palavras, já existem ações voltadas para a promoção da sustentabilidade no planeta. Assim sendo, o que eu pretendi com o desenvolvimento do projeto na escola foi o fomento à conscientização, à sensibilidade e à reflexão sobre o tema, tendo como fulcro das criações artístico-pedagógicas dos estudantes os saberes e fazeres afro-brasileiros.

Ao acenar para ancestralidade da matriz africana, que contribuiu para a formação artística e cultural brasileiras, pretendi, com a ação artístico-pedagógica, levantar reflexões sobre os valores socioculturais e ecológicos, conforme é o caso dos aspectos estéticos e simbólicos incorporados às figuras dos Orixás e das labás (Orixás femininas). Estes ancestrais africanos divinizados são reconhecidos pelas manifestações expressivas, costumes e sentidos da cultura negra e afro-brasileira, ou mesmo:

No culto aos deuses do Candomblé, o Mito dos Orixás assume um papel fundamental, inclusive para se compreender o Terreiro como espaço vital e estético, pois testemunha as mais belas e trágicas histórias dos deuses que representam, por sua vez, os elementos da natureza – Nanã é a deusa da morte; Ogum, da guerra; Iemanjá, da água; e Iansã, do fogo [...]. É o princípio que mantém o mundo vivo e ativo, pois apagar e acender na medida revela o equilíbrio da natureza (PETRONILIO, 2020, p.13).

Levar em consideração tal estreita relação dos conhecimentos afro-brasileiros – transmitidos e ressignificados por intermédio da oralidade e do valor à escuta em muitos terrenos e espaços socioculturais (como os *ilês*) –, constituiu-se enquanto proposta do projeto. Sob esse aspecto, por meio do cultivo das características de cada Orixá e labá com a natureza e sua biodiversidade e na confecção e apresentação de indumentárias com possíveis materiais recicláveis<sup>0</sup>, que pudessem levar a um debate sensível ao fomento da sustentabilidade contemporânea.

Nas próximas linhas desta escrita, o leitor vai poder acompanhar o desenvolvimento desta proposta artístico-pedagógica com alunos dos 2º e 3º anos do ensino médio de uma escola pública do DF. A perspectiva foi oferecer uma prática educativa lúdica, estética e performática no que concerne ao debate entre as relações humanas e a biodiversidade, considerando nessas relações os espaços de conectividade dos saberes da ancestralidade afro-

<sup>2</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) versa sobre a educação ambiental na qualidade de tema contemporâneo a ser tratado em sala de aula (BRASIL, 2018, p.19). Para uma introdução a respeito de estudos e práticas que relacionam arte e sustentabilidade com foco em questões socioculturais, intervenções artísticas no meio ambiente e a reciclagem, para a elaboração, compartilhamento e apresentação de objetos artísticos, ver: SIQUEIRA, A. R. Arte e sustentabilidade: argumentos para a pesquisa ecopoética da cena. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, v. 1, n. 1, pp.87-89, jan. 2010, disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/4800>>; BRAGA, J. C. Arte e sustentabilidade: uma reflexão sobre os problemas ambientais e sociais por meio da arte. **Revista espaço acadêmico**, vol. 10, nº 112, pp.31-39, ago. 2010, disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10850>>; MUNIZ, V. **Lixo Extraordinário**. São Paulo: GERmakoff casa editorial, 2010.

brasileira. De início, recolho alguns pontos teóricos e metodológicos, descrevo a experiência artístico-pedagógica em sala de aula e no festival mencionado, refletindo, por fim, sobre algumas avaliações e considerações.

### **Polinização teórica**

Se os saberes e fazeres afro-brasileiros foram transmitidos por gerações, seria possível – considerando as políticas públicas e afirmativas que apontam para a contribuição de negros e negras no processo de formação histórico-cultural brasileiro – revisitar práticas e costumes tradicionais que possam, no mínimo, sensibilizar e contemplar o cuidado com o desenvolvimento sustentável na atualidade?

No campo da legislação educacional, a Lei 10.649/2003 determina o ensino da história e cultura afro-brasileira em sala de aula (BRASIL, 2003), mesmo alterada pela Lei 11.645/2008, que no seu Art. 26-A reafirma os estudos e práticas daquela matriz cultural e insere a matriz indígena (BRASIL, 2008). A BNCC reforça os estudos e práticas afro-brasileiros na qualidade de *aprendizagens essenciais* (BRASIL, 2018, p.476), perpassando, no decorrer do documento normativo, exemplos que revigoram o foco em práticas artísticas e pedagógicas tocantes ao tema, como na parte destinada à Arte:

O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, de modo a propiciar o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas e obras literárias, entre outros, garantindo o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na formação da sociedade brasileira, especialmente as de matrizes indígena e africana (BRASIL, 2018, p.483).

Junto aos documentos citados, colocamos o *Currículo em Movimento* da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) que aponta a *Arte e sustentabilidade* (DISTRITO FEDERAL, 2014, p.39) na condição de conteúdo a ser desenvolvido na etapa do ensino médio. Esse contexto normativo, oportunizou uma articulação com os saberes e fazeres afro-brasileiros a partir da perspectiva ancestral dos Orixás e das labás, representados, de um modo estético e artístico, por indumentárias de materiais reutilizáveis e pelas ações performáticas dos estudantes.

A articulação de algumas determinações esboçadas nas linhas dos documentos normativos citados e de apoio às práticas pedagógicas desenvolvidas na educação básica – e para esta escrita, particularmente, às aulas de Arte –, permitiu que o trabalho desenvolvido e

exposto na feira de ciências da escola e em outros circuitos educativos disseminasse o pólen oriundo das Africanidades,

(...) Africanidades é uma categoria que compreende e se compreende a partir do mundo cultural africano-diaspórico na superação do racismo e na produção de uma nova regra de justiça social e felicidade subjetiva. É insurreição social e fluidez literária e, assim, vale-se de seus dispositivos ancestrais (beleza, ritmo, gênero, religiosidade, negociação, ginga, encantamento, organização, ironia, coalisão, criatividade, combatividade, sagacidade, diversidade, inovação, tradição, mito, rito, corpo, poética e contemporaneidade). Africanidades são um (re)-encontro consigo mesmo, na dimensão coletiva, da vivência ancestral, que tanto nos atravessa quanto tecemos nas micropolíticas do dia a dia e na macroestrutura do enredamento tempo-espço (OLIVEIRA, 2014, p.31, *grifos do autor*).

O que pode significar o lançamento de um olhar direcionado aos elementos estéticos e artísticos da história e cultura afro-brasileiras enquanto produção de conhecimento para a formação e o enriquecimento do repertório cognitivo e cultural dos estudantes, uma vez que, “(...) cultura como produção de *sentido* é africanidade como discurso epistêmico. O tempo ampliado (dos viventes e ancestrais) e o espaço difuso (de africanos e seus descendentes semeados pelo mundo) perfazem a trama e a urdidura desse discurso” (OLIVEIRA, 2014, p.30, *grifos do autor*).

Ao considerar tais questões conceituais e a criação das indumentárias com materiais reutilizáveis, os estudantes e eu buscamos, com o desenvolvimento da temática em sala de aula, uma sustentação nas contribuições africanas e afro-brasileiras que despontam o reconhecimento dos saberes e fazeres da cultura negra para a produção estética, artística e cultural no Brasil. Para tanto, ainda construímos um diálogo com a seguinte questão:

(...) a cultura negra brasileira é fundada, sedimentada e difundida pelos povos e comunidades tradicionais de matriz africana. A dança, a música, o canto, *performance* – indissociáveis – a oralidade, a ancestralidade, a relação com a natureza, a circularidade, a relação geracional, a importância da mulher negra são também outros elementos definidores do que é cultura negra brasileira (NETO, 2014, p.33, *grifos meus*).

Assim sendo, compreendemos que disseminar tais fluidos gnosiológicos do contexto de formação da identidade e pluralidade culturais brasileiras pode revelar sentidos e perspectivas interventivas conectadas à consciência ecológica e sustentável. Se, por um lado, a *performance* pode ser compreendida como uma diversidade de ações e atividades realizadas pelo ser humano (SCHECHNER, 2003, p.27), por outro, ela pode estar incorporada a uma prática pedagógica pela perspectiva produtiva e receptiva oriunda do contato artístico e estético entre professores e alunos dentro de um processo educativo (PEREIRA, ICLE, LULKIN, 2012, pp. 336-337).

Por isso, para esta escrita, a *performance* vem produzir a ideia de tessitura compartilhada dos saberes e fazeres afro-brasileiros, visando a uma reflexão sensível sobre a sustentabilidade humana no planeta a partir da experiência estética no *ilê* ornamentado e enriquecido pelos corpos juvenis na qualidade de Orixás e labás, pensando que: “uma pedagogia da *performance*, supõe recobrar pelo corpo significações que foram descartadas no decurso de constituição de um conjunto de significados, de ideias e concepções as mais diversas – sobre o mundo, sobre as coisas do mundo, sobre os seres que nele habitam” (PEREIRA, ICLE, LULKIN, 2012, pp. 336-337, grifo dos autores).

Então, o principal objetivo do projeto desenvolvido na escola foi justamente apresentar a relação e a conexão da tradição dos Orixás e das labás com a natureza e sua biodiversidade, por meio de indumentárias elaboradas com materiais recicláveis e visando à reflexão sensível no que diz respeito à sustentabilidade. Enquanto outros objetivos específicos focaram sobre a criação de um espaço de encenação para o conteúdo por meio: dos elementos cênicos utilizados, tais como - figurino, cenário, sonoplastia, objetos, adereços e maquiagem; da realização de uma apresentação performática dos Orixás e das labás; da possibilidade de proporcionar ao público uma experiência estética por meio dos figurinos de materiais recicláveis, (re)criados e expostos; e, do saber advindo da oralidade e escuta a partir da *performance* de cada estudante como um Orixá e uma labá.

Foi por meio da polinização desses pensamentos – espalhados com o movimento dos ventos de *lansã* e sustentados pela sapiência de *Ossain*, orixá que possui o domínio das plantas, que buscamos a fecundação de saberes e fazeres afro-brasileiros no processo de ensino e aprendizagem na Pedagogia das Artes Cênicas, nomeadamente, no ensino médio, última etapa da educação básica.

### Fertilização metodológica

Em sala de aula, em mais um dia letivo de 2019, recebo os estudantes com os versos da música *Milagres do povo*, de Caetano Veloso, enfatizando que:

*O povo negro entendeu que o grande vencedor  
Se ergue além da dor  
Tudo chegou sobrevivente num navio  
Quem descobriu o Brasil?  
Foi o negro que viu a crueldade bem de frente  
E ainda produziu milagres de fé no extremo ocidente  
(CAETANO VELOSO, 2011).*

O que é um Orixá? Uma labá? Quais são os Orixás e as labás? Exibo figuras alegóricas e heroicas de alguns dos ancestrais divinizados pela mitologia africana e afro-brasileira em um

*template. Exu, Orixá do movimento e da comunicação, encanta pela figura negra com vestes vermelhas, desconstruindo o estigma perverso que o racismo lhe outorgou. Iemanjá, labá das águas e do mar, “que até aparece de vez em quando nas reportagens da televisão, está tão bela! Nossa, professor!”*, comenta uma aluna.

Digo aos estudantes que as indumentárias utilizadas por cada Orixá e labá revelam que a elaboração de um figurino que se apresenta enquanto possibilidade criativa para tratar de um elemento cênico que pode contar e enriquecer a história de uma encenação, para o nosso caso: da história e cultura afro-brasileira. Exemplifico a escola de samba *Unidos da Tijuca*, considerando o enredo *É segredo*, vencedor do carnaval do Rio de Janeiro em 2010, cuja comissão de frente desenvolveu sua apresentação por meio de trocas rápidas de vários figurinos, inspirada em um número de ilusionismo<sup>3</sup>. Também, reforço o assunto por meio da inferência à seguinte reflexão:

Na encenação contemporânea, o figurino tem papel cada vez mais importante e variado (...). O fato é que o figurino, sempre presente no ato teatral como signo da personagem e do disfarce, contentou-se por muito tempo com o simples papel de caracterizador encarregado de vestir o ator de acordo com a verossimilhança de uma condição ou de uma situação. Hoje, na representação, o figurino conquista um lugar muito mais ambicioso; multiplica suas funções e se integra ao trabalho de conjunto em cima dos significantes cênicos. Desde que aparece em cena, a vestimenta converte-se em figurino de teatro: põe-se a serviço de efeitos de amplificação, de simplificação, de abstração e de legibilidade (PAVIS, 2011, p.168).

Ou seja, por meio do elemento cênico do figurino pode ser possível explorar a história e contextos socioculturais diversos com o intuito de oferecer diferentes significados ao assunto abordado. Não é à toa que o figurino se encontra na dimensão *Multiletramentos, Criatividade e Movimento* do currículo do DF, pois pressupõe a exploração criativa e inventiva de práticas sociais mediante o uso de múltiplas linguagens, nomeadamente a artística (DISTRITO FEDERAL, 2014, p.29).

Se *a carne mais barata do mercado é a carne negra* (ELZA SOARES, 2002), contextualizo para os estudantes, em outra aula, que *Angola, Congo, Benguela, Monjolo, Cabinda, Mina, Quiloa, Rebolo* (BEN JORGE, 1974), dentre outras etnias, há anos, desembarcaram de um navio negreiro – trazidas violentamente ao Brasil – com reis, rainhas, súditos e a memória de várias culturas africanas. Porém, informo que os representantes dessas etnias também não se contentaram – ainda no continente africano – com as voltas e voltas que foram obrigados a dar na “árvore do esquecimento” (ATLÂNTICO NEGRO, na rota dos Orixás, 1998), na pretensão de que deixassem as suas próprias referências socioculturais. Por outro lado, retomo e digo aos

<sup>3</sup> Para mais informações, veja parte da apresentação da agremiação carnavalesca, em: <https://youtu.be/CaosyTV0NU>. Acesso em: 20 ago. 2021.



alunos que os povos africanos acabaram por cultivar, em solo brasileiro, a manifestação e multiplicação – material e imaterial –, de tantos ilês, lorubás, Ijexás, baobás, Orixás, labás, Congos, malês, savanas, Nzingas, capoeira, samba, saravás, axés, Ojuobá, dentre tantas outras práticas e expressões que contribuíram para a formação da cultura brasileira, pois: “(...) *Ancestralidade* é o princípio régio das africanidades. É lastro de tempo e espaço em processos de subjetivação, síntese, crítica e criação. É lógica diferencial e transversal, perpassando os vários extratos de enfrentamento e produção do mundo, a um só tempo” (OLIVEIRA, 2014, p.30, *grifos do autor*).

Já em outra aula, em círculo, peço aos estudantes que movimentem o corpo: os estalos dos dedos, o esfregar das palmas das mãos, os assovios, os pés batidos e alternados no chão<sup>4</sup> buscam a construção de uma sonoridade que remete às práticas artísticas e culturais afro-brasileiras. Trata-se de um aquecimento para a improvisação de uma indumentária com sacolas plásticas e jornais usados que eu trouxe para o desenvolvimento prático da atividade da aula do dia. Em seguida, apresento algumas ideias de croquis de figurino e solicito uma pesquisa e composição de esboço inspirado nas cores e indumentárias dos Orixás ou das labás escolhidos pelo grupo de estudantes, levando em consideração a prática de desenho com modelos vivos que havíamos feito ainda no início do semestre.

Após essas atividades pedagógicas, convém ressaltar que parte do desenvolvimento dessa metodologia serviu para debater com os estudantes o quanto a cor da pele foi um estigma característico da escravidão no Brasil, revisitando a história para compreendermos melhor as relações artísticas e culturais da mitologia afro-brasileira. Além disso, o desconhecimento saturado acerca do próprio continente africano, inicialmente, pode ser oxigenado, em especial, com a explicação dos grupos étnicos e especificidades dos espaços geográficos que eles ocuparam antes e pós-diáspora. Por outras palavras, a folha historicamente esbranquiçada pela escravidão, aos poucos, tomou cores por meio das vestimentas e características estéticas, individuais e ecológicas dos Orixás e das labás.

Foi a partir disso que orientei os alunos na criação dos figurinos reutilizáveis para a feira de ciências na escola, com o intuito de que eles pudessem ver, rever, produzir, sentir e fruir a afrobrasilidade na qualidade de lugar de produção de conhecimento e de diversidade estética, artística e cultural. É o que será descrito a seguir, por meio da apresentação da experiência pedagógica propriamente dita.

---

<sup>4</sup> Essa atividade pedagógica foi uma adaptação que fiz da que foi apresentada na palestra de abertura do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), em 2016, em Uberlândia, MG. Mais informações em: <<http://portalabrace.org/4/index.php/encontros/73-ix-congresso-2016/323-ix-congresso-abrace>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

### Catalisação estética

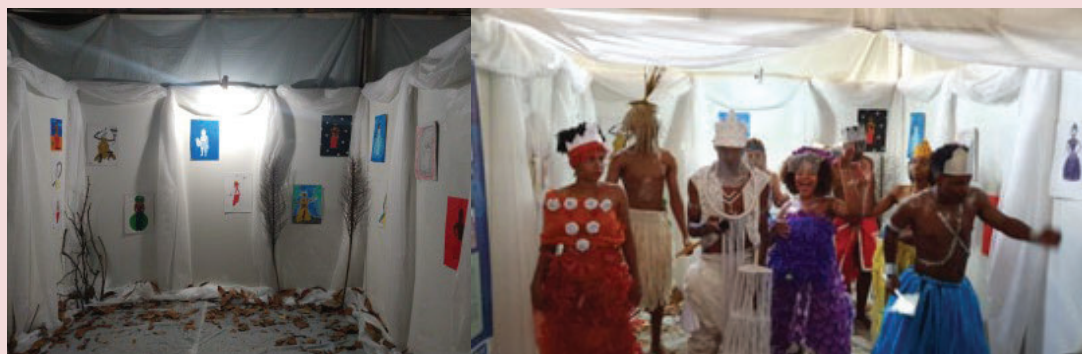
Na feira de ciências da escola, em meados de julho de 2019, o público é recepcionado por estudantes que realizam sons com atabaques, reco-reco, pandeiro, berimbau, instigando os sentidos de todos os que estão presentes por meio de instrumentos que ressoem elementos estéticos afro-brasileiros, em meio às ações dos estudantes que performam os Orixás e as labás. Optamos por não utilizar cartazes ou qualquer outra forma de informação escrita, para preservar o valor conferido à oralidade e à escuta incorporadas às *Africanidades*.



**Figura 1.** Partes da apresentação dos Orixás e das labás na feira de ciências da escola.  
**Fonte:** Arquivo do autor.

Já no FESTIC, no mês de agosto de 2019, em meio aos estandes de várias escolas, cujas criações tecnológicas e digitais estão presentes, há um stand em que os corpos negros

dos estudantes performam seres mitológicos da ancestralidade afro-brasileira. Eles se destacam na composição cenográfica de panos brancos adornados, molduras e croquis pendurados nas paredes, indumentárias cromáticas, folhas, gravetos e galhos secos esparramados no chão. Um convite ao público para contemplar a apresentação performática que está prestes a começar dentro do *ilê* ornamentado.



**Figura 2.** Ornamentação do estande e alunos em situação de *performance*  
**Fonte:** Bárbara Correia.

O público se aproxima. *Obatalá* e *Nanã* estão ao centro, rodeados por *Iansã*, *Ogum*, *Xangô*, *Iemanjá*, *Omolu* e *Mamãe Oxum*, com uma gestualidade própria que os identifica. Bum! Ouve-se um forte batuque! A sonoridade faz os Orixás e labás circularem ao redor do *Rei das Vestes Brancas* e da *Rainha do Barro*. Vão de um ritmo brando ao mais acelerado e os corpos, performatizados. Um forte batuque coloca-os em uma posição fotográfica. Pausa. *Obatalá* retoma o foco e começa a dar o tom de sua voz, anunciando o porquê da historicidade do panteão mitológico das *Africanidades*, convidando o público a uma conversa mais próxima com cada um deles, para que se inteirem das suas relações com a natureza e sua biodiversidade, visando a uma reflexão sensível para a sustentabilidade.

Nesse momento, cada Orixá e labá conversa com o público sobre a sua conexão com a natureza. *Ogum*, Orixá guerreiro e que tem o domínio da metalurgia e do ferro, usa uma indumentária azul produzida com pedaços de plástico que foram recortados, tampinhas de latas de bebidas, que cruzam o seu tórax, e um tule que encobre o seu rosto. Material parecido com a indumentária de *Mamãe Oxum*, labá das águas doces, que usa uma composição de sacolas plásticas amarelas e um adorno de EVA brilhante na cabeça. Enquanto *Xangô*, Orixá dos raios, trovão e do fogo, apresenta o seu machado de duas lâminas feito com papelão e papel aluminado, e sua roupa delineada, intencional e artisticamente, com TNT, cordão de macarrão e coroa com tampinhas de alumínio. Próximo a ele se encontra *Omolu*, Orixá da cura, com seu corpo marcado pelas chagas, feridas e doenças, rosto encoberto por uma estrutura de

palha e indumentária de saco de estopa. Já *Iansã*, labá que também domina o fogo, apresenta-se com uma indumentária de copos plásticos vermelhos e rosas brancas de papéis recortados.

Em todos os casos, os materiais que compuseram a roupa não estão ligados ao elemento ou à força da natureza – necessariamente –, mas à oralidade dos Orixás e das labás, cujas conversas com o público buscam uma sensibilização das suas conexões com a natureza. O que acabou servindo de intuito para o levantamento de um debate sobre a atenção humana – de tantos outros grupos étnicos, étnicos e socioculturais – com própria natureza e a sua biodiversidade, a partir das características estéticas e artísticas dentro do ilê performático.

Após os diálogos, aos poucos, o público se retira e os estudantes finalizam as suas respectivas *performances*, na perspectiva de uma promoção afirmativa e profícua dos saberes e fazeres ancestrais das *Africanidades* com a sustentabilidade contemporânea.



**Figura 3.** Momentos da apresentação no FESTIC.  
**Fonte:** Arquivo do autor.

### Considerações sustentáveis

No decorrer deste texto, busquei mostrar a conexão dos saberes e fazeres incorporados à história e à cultura africana e afro-brasileira por meio de uma apresentação estética, artística e performática dos Orixás e das labás, com indumentárias elaboradas com materiais



reaproveitados ou possivelmente descartados. Para isso, considerei a experiência artístico-pedagógica que tive com estudantes de uma escola pública de ensino médio do DF.

O foco não foi a reciclagem, mas a sensibilidade como fomento da sustentabilidade, que, por meio do conhecimento oriundo das *Africanidades*, tem potencialidade para reforçar os saberes e fazeres afro-brasileiros no processo de ensino e aprendizagem. Rever a África e potencializar a afrobrasilidade podem significar o reconhecimento do encanto estético que motiva a corporeidade de quem traz em sua herança os aspectos artísticos e culturais dessa matriz de formação brasileira, cuja presença se configura há tanto tempo no conjunto de produção de conhecimento da humanidade.

Portanto, antes de colocar um ponto final nesta escrita, gostaria de continuar com a apresentação visual dos reflexos de algumas criações artísticas e pedagógicas desdobradas e compartilhadas em sala de aula com aqueles que podem ver, sentir, (re)conhecer, vivenciar e cultivar os saberes e fazeres afro-brasileiros. Embora tais conhecimentos tenham sido historicamente invisibilizados, de alguns anos para cá, principalmente com as políticas públicas e afirmativas (como é o caso das leis 10.649/2003 e 11.645/2008), têm-se tornado um direito o fato de serem absorvidos ricamente no processo de ensino e aprendizagem da educação brasileira, por intermédio dos desdobramentos metodológicos incorporados ao componente curricular Arte, particularmente no campo do teatro, pautado nos conhecimentos sistematizados e compartilhados dentro da Pedagogia das Artes Cênicas.

Axé...!





**Figura 4.** Partes do processo artístico-pedagógico e das apresentações. Arquivo do autor.

## Referências

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>. Acesso em: 13 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>. Acesso em: 20 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 08 mar. 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Médio.** Brasília, Secretaria de Estado de Educação, 2014. Disponível em: <<http://www.educacao.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2/>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

NETO, P. Cultura negra. In: SILVA, Cidinha da (org.). **Africanidades e Relações Raciais: Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

OLIVEIRA, E. Africanidades. In: SILVA, Cidinha da (org.). **Africanidades e Relações Raciais: Insumos para Políticas Públicas na Área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro.** Trad. sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEREIRA, M. A. de; ICLE, G.; LULKIN, S. A.. Pedagogia da performance: da presença, do humor e do riso na prática pedagógica. In: **Revista Contrapontos** - Eletrônica, vol. 12, n. 3, p. 335-

340, set./dez. 2012. Disponível em: <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/3936/2384>>. Acessado em: 02 jan. 2014.

PETRONILIO. P. Performances na encruzilhada: corpo e noção de pessoa no candomblé. In: **Seminário Corpo, Cena e Afroepistemologias** (2: 2018: Brasília, DF) Anais do II Seminário Corpo, Cena e Afroepistemologias [recurso eletrônico] / organização Jonas Sales, Larissa Ferreira – Brasília: Editora IFB, 2020. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/issue/view/127>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

SCHECHNER, R. O que é performance? In: **O percevejo: revista de teatro, crítica e estética**. Ano 11, nº 12, 2003, pp.25-50.

## VÍDEOS

ATLÂNTICO NEGRO, na rota dos Orixás – Documentário. Renato Barbieri & Victor Leonardi, 1998.

BEN JORGE. Zumbi. Álbum **A tábuca de Esmeralda**. Musisom Ed. Musical Ltda, 1974. Disponível em: [https://youtu.be/Db2\\_TWq7nfs](https://youtu.be/Db2_TWq7nfs)>. Acesso em: 27 jan. 2021.

CAETANO VELOSO. **Milagres do povo**. Universal Music Ltda, 2011. Disponível em: <https://youtu.be/w3DkvHx65x4>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ELZA SOARES. A carne. Álbum: **Do Cócix Até O Pescoço**. Disponível em: <https://youtu.be/nMLTD7ODIEc>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

## Elison Oliveira Franco

Mestre em Artes (2014) e Licenciado em Artes Cênicas (2009) pela Universidade de Brasília (UnB), é professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Ator e palhaço, tem focado suas pesquisas nos seguintes temas: Pedagogia das Artes Cênicas, Cômico, Jogo, Riso, Brincadeira, Aprendizagem Lúdica e Educação para as Relações Étnico-Raciais. Contato: [elisonarte@gmail.com](mailto:elisonarte@gmail.com)